

'O PT e o PDT são apenas do contra'

Presidente diz que não se deve governar atropelando os descontentes e, sim, evitar que os blocos contrariados se juntem

Continuação da página 14

• *De onde sai a oposição a Fernando Henrique Cardoso?*

FERNANDO HENRIQUE: Por enquanto, de lugar algum. O Governo não tem diante de si uma oposição. Tem a turma do contra. O PT e o PDT são apenas do contra. Pode vir a aparecer uma oposição do prefeito Paulo Maluf, se ele resolver disputar a Presidência, mas, por enquanto, oposição organizada, que se possa dizer que tem uma proposta alternativa para o Brasil, isso não existe.

• *O prefeito Maluf disse que, se o senhor perder a eleição municipal e tiver vergonha na cara, deve renunciar à Presidência. Como o senhor recebeu esse ataque?*

FH: Recebi um recado dele dizendo que não disse isso. E eu realmente não acredito que ele tenha dito uma irresponsabilidade dessas.

• *Essa resposta sugere que o senhor não gosta da idéia de ter Maluf na oposição.*

FH: Eu não ajudo as dificuldades. Para que vou criar um obstáculo, se posso viver sem ele? O que nos deu a governabilidade foi a capacidade do Governo de criar um projeto com uma ampla base de apoio político. No que depender de mim, eu não a estreito. É certo que só se governa direito contrariando interesses. Você pode contrariar, mas deve evitar que a contrariedade se generalize e os blocos contrariados se juntem. Eu não faço política saindo para matar. Se você dá um beliscão numa pessoa, ela pode reclamar, mas

depois é possível se recompor; mas, se você dá um tiro para matar, de duas uma: ou mata, ou erra e não deixa alternativa ao outro, senão atirar de volta em você. E, se ele acerta, de que adiantou aquela agressividade toda?

• *Isso não é falta de agressividade?*

FH: Eu não acho que se deva governar atropelando os descontentes. Pelo contrário, deve-se sempre evitar que os blocos contrariados se juntem. A democracia funciona assim, num processo sutil de choques de contrariedades, sem atropelos. Agora, se você pensa como o Jânio, como o Collor ou como se pensou no regime militar, então você sai atropelando, acha que pode passar por cima das estruturas da sociedade. No fim isso dá errado e, até fracassar, constrói muito pouco além de paixões. (FH toca discretamente o sininho de prata da mesa, para pedir uma segunda rodada de café.)

• *Se é assim, por que o senhor se queixa de que a oposição não consegue juntar os blocos num projeto alternativo ao seu?*

FH: Eu não me queixo. Está bom assim, inclusive porque a oposição sabe que muita coisa que está sendo feita tem mesmo que ser feita. Eles sabem que o projeto de reformas é politicamente hegemônico, reflete uma vontade do país. Em 1994, quando se preparava o Plano Real, estive com o Lula e o José Dirceu. Eu lhes disse que íamos precisar de apoio para derrubar a inflação. Eles sabiam que a inflação era um mal, mas, quando a nova moeda foi para a

rua, saíram dizendo: O Real é um pesadelo. Em poucos dias perceberam que era o oposto, um sonho. Recolheram os cartazes. Eles sabem que estamos na direção certa. Veja o que está acontecendo na campanha eleitoral. Tem gente criticando tudo, o que é natural, mas não há um só candidato apresentando um substituto para o Real.

• *O senhor está chegando ao fim da primeira metade do seu mandato. Qual foi o seu melhor momento?*

FH: Foi o dia em que eu senti que o Congresso estava aprovando as reformas. A partir daí, espalhou-se a percepção de que o real se consolidara. Agora estamos diante da possibilidade de fechar o próximo ano com inflação de um dígito. Quer saber de uma coisa? Eu nunca pensei que viveria esse dia.

• *E quando o senhor viveu o seu inferno astral?*

FH: Entre fevereiro e abril do ano passado, com toda a certeza. Quando tínhamos a crise mexicana ameaçando nossa posição internacional e foram necessárias medidas recessionistas. Isso tudo aconteceu num período de grande confusão política e de dificuldades no Congresso. Tive até que vetar aumento de salário-mínimo. Quando eu achava que já estava diante de todos os problemas possíveis, veio a greve dos petroleiros. Naqueles três meses eu cheguei a temer pelo Plano Real. Era o início do Governo, havia muita gente testando a gente e eu não tive os cem dias de trégua que em geral se dá aos presiden-

tes que estão começando o mandato.

• *Há umas poucas semanas o senhor disse que não gosta de se conduzir pela lógica cartesiana, porque ela exacerba os conflitos. Quando duas pessoas defendem posições que consideram perfeitamente lógicas, resta pouco espaço para se manobrar e o senhor se sente mais à vontade lidando com posições menos rígidas. Como é isso?*

FH: Não se pode governar pensando que a vida funciona como uma tabela de tabuada. Muito menos se pode governar o Brasil buscando posições rígidas. A nossa riquíssima realidade está mais para o candomblé do que para a lógica cartesiana. No candomblé, uma coisa é e não é. O bem pode ser mal e o mau pode ser bom. Há uma ambigüidade na nossa alma e ela freqüentemente surpreende os estrangeiros, mas nós somos assim. O brasileiro não vive procurando inflexibilidades, pelo contrário. (FH toca de novo o sininho de prata. Desta vez, demoradamente. Continua querendo mais café.)

• *O senhor poderia dar alguns exemplos dessa ambigüidade?*

FH: Os há, às dúzias. Veja algumas expressões ambíguas:

Vou ver não significa que a pessoa vai ver, mas que o assunto fica para depois.

Passa lá em casa não significa que a pessoa esteja esperando sua visita.

Pois não, claro e tá bem significam tanta coisa que você nunca sabe direito o que significam.

Tem gente que acha que isso é

malandragem. Não é. É uma certa suavidade.

• *Na terça-feira o presidente da República Checa, Vaclav Havel, ficou vagando sem rumo e sem programa por Brasília. Não houve quem o recebesse no Congresso e não houve quem lhe oferecesse uma programação alternativa. Ele acabou sentado num botiquim, tomando cerveja. O senhor sabe quem foi o responsável por esse constrangimento?*

FH: Ainda não.

(FH se levanta e vai à cozinha do Alvorada pedir mais café.)

• *O que o senhor está lendo?*

FH: Eu leio muitos livros ao mesmo tempo e nem sempre acabo todos. Os dois últimos, acabei. Um foi "A civilização da terceira onda", do Alvin Toffler. É um trabalho atraente, com alguns toques de *best-seller*, mas vale a pena lê-lo. Seria boa leitura no Congresso. Depois li o depoimento do jornalista Carlos Castelo Branco sobre a renúncia do presidente Jânio Quadros ("A renúncia de Jânio"). O Castelinho preferiu que o livro fosse publicado depois de sua morte. É um documento admirável. Ele não interpreta nada. Limita-se a contar. O que sai da narrativa é surpreendente. Ele mostra como a pequena história, aquele amontoado de rivalidades e ambições irrelevantes, acabou prevalecendo sobre a grande História. O Brasil esteve perto de uma guerra civil sem que houvesse crise econômica, crise social ou até mesmo uma crise política séria. Era tudo futrica. Ali se aprende como o poder é ilusório quando a Presidência não está en-

raizada na consciência da sociedade.

• *Não havia crise, mas Jânio Quadros era doido, o que não é pouca coisa.*

FH: Eu acho que essa explicação, isolada, não resolve o problema. O Jânio era um líder de massas, mas a sua Presidência não estava enraizada nas forças sociais. De uma hora para outra, até mesmo para surpresa dele, virou vento. É uma aula sobre o patético.

• *Outro dia o senhor viu no cinema do Palácio o filme "Independence Day" e comentou que se ele tivesse sido feito no Brasil o presidente certamente sairia mal. O senhor realmente acha que o brasileiro implica com o presidente?*

FH: Não. Alguém entendeu mal o que eu disse. Minha observação é outra. Durante o filme acontece de tudo. Os Estados Unidos são bombardeados, a Casa Branca explode, o vice-presidente morre, o secretário de Defesa é um nulo, o presidente fica viúvo, mas a instituição da Presidência da República, enfiada numa caverna, se mantém vigorosa e eficaz. Com aqueles efeitos especiais todos, o próprio presidente foi capaz de romper a couraça da nave espacial dos extraterrestres. O que o filme mostra é a profunda confiança que a sociedade americana tem hoje na instituição da Presidência. Até na ficção. (O café chega e FH o toma como se ele tivesse sido trazido ao primeiro toque do sininho.)

• *O senhor acredita no fura-fila?*

FH: Não.